

O sulear-se como ferramenta de leitura do mundo na educação: contribuições da Geografia a partir de um estudo de caso¹

Alexandre Lima Garcia²

Nos mapas atualmente utilizados e produzidos nos mais diversos meios acadêmicos, escolares e sociais, é tradicional a utilização do Norte como referência. Com algumas exceções, que buscamos apresentar neste trabalho, adota-se no Hemisfério Sul as convenções cartográficas que foram definidas a partir do e para o Hemisfério Norte, mais precisamente a partir dos referenciais europeus. Isto se dá sem qualquer contextualização ou adaptação para os contextos locais em que as convenções são importadas, o que deveria ocorrer, visto que as definições de um referencial se baseiam nas construções socioculturais historicamente acumuladas e nos interesses sociais e políticos, bem como nas características ambientais observáveis, específicas da sociedade que as produz (CAMPOS, 1999), o que implica que se as referências e representações não são devidamente contextualizadas e adaptadas, estas podem se constituir como obstáculos, ao invés de auxiliarem, na compreensão do mundo e, ainda, se transformarem em ferramentas de imposição de um interesse e interpretação externos em detrimento das circunstâncias e leituras do mundo locais.

No âmbito da importação da convenção do Norte como referencial – aparentemente único e/ou obrigatório – para o Hemisfério Sul, há um campo de problemáticas muito comuns que são reproduzidas e percebidas nos indivíduos e nos diversos meios de veiculação do saber. Essa convenção que se impõe a partir das

¹ Trabalho apresentado no GT 26 - Educação e interculturalidade: pensando com e a partir de vozes subalternas.

² Instituto Federal de São Paulo – IFSP. Graduando em Licenciatura em Geografia. Email: allexlgarcia@gmail.com.

representações cartográficas, alcança outras formas de reprodução, como a linguagem e as práticas corporais de localização espacial, como aponta Campos (1999).

Por um ponto de vista mais geográfico, consideremos que, mercadorias, conceitos e regras “práticas” relativas a espaço ou a tempo são exportadas do hemisfério norte para o sul, e aceitas sem a devida contextualização para nossos lugares de vida. Esse é o caso do ensino dos pontos cardeais, renitente em tomar a direção norte como o referente fundamental. [...] A análise desse problema é rica de reflexões de caráter extremamente interdisciplinar, além do enorme potencial de desdobramentos inesperados que proporciona. É notável, por exemplo, a presença da conotação ideológica nos referenciais do Norte com os quais carregamos o germe da dominação. Este germe explicita-se com frequência nas oposições do tipo: Norte/Sul, acima/abaixo, subir/descer, superior/inferior, central/periférico, desenvolvido/em desenvolvimento. (CAMPOS, 1999, p. 42).

Joaquín Torres García, artista e intelectual uruguaio, em sua obra “Universalismo Constructivo”, apresenta, por meio da “Escuela del Sur”, uma proposta de reinvenção do referencial geográfico estabelecido como convenção, que pressupõe o Norte como a referência absoluta nas representações. Em sua proposta de representar a América do Sul de forma invertida a essa convenção e dizer que “nosso norte é o Sul”, Torres García exemplifica as formas e caminhos possíveis de serem tomados nessa reinvenção de paradigmas.

O suleamento, subentendido na proposta de Torres García, já é uma perspectiva de significação do mundo e de contextualização epistemológica que vem sendo desenvolvida pelo físico Marcio D’Olne Campos, por meio da sugestão de ferramentas teóricas e práticas que permitem esse processo. Campos (1991) nos apresenta o ato de SULEar-se como uma dessas ferramentas, da qual nos utilizamos de forma adaptada neste trabalho para a realização do estudo de caso na Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Portanto, vemos a necessidade de, também, a Geografia se debruçar sobre esta tematização, à medida em que ela se coloca como uma ferramenta de problematização histórica da cartografia que é veiculada nos meios acadêmicos e escolares e a partir da qual muitas representações e leituras foram reproduzidas sem a devida contextualização. Ainda, também, pelo fato de o próprio ato de sulear

compreender e possibilitar uma leitura e consciência do espaço, utilizando definição de Moraes (2005, p. 32).

Conforme apresenta Campos (1991, p. 61), a atividade prática do suleamento consiste na referenciação no espaço a partir do Cruzeiro do Sul, constelação visível para quem se encontra no Hemisfério Sul, com vistas a encontrar o Polo Sul Celeste e a partir deste o sul geográfico. Podemos ressaltar, então, que um dos objetivos do suleamento é realizar a compreensão do espaço para a localização do Sul geográfico e a partir desse a referenciação em relação às outras direções e localidades possíveis. Para a proposta didática desenvolvida no estudo de caso adotou-se este como objetivo da atividade em vista do suleamento. Trata-se de um ato de conscientização do espaço, conforme Moraes (2005, p. 32).

Campos apresenta dois métodos para a determinação do polo sul celeste e da direção do sul geográfico, ou seja, para o ato de sulear-se. Reproduziremos a seguir o segundo método apresentado, sobre o qual nos debruçamos.

[...] com o braço esticado procure incluir e apontar as duas estrelas do braço maior do Cruzeiro do Sul entre o polegar e o indicador mantendo a distância entre os dedos. Alinhando com o braço maior e na direção de α , Cruxis, reproduza 4,5 vezes essa mesma distância. Com isso, você chega ao polo sul celeste.

SUL GEOGRÁFICO: Do polo sul celeste desça com uma linha vertical e você estará apontando para a direção sul, ou seja se "SULeando" pelo Cruzeiro do Sul e não se NORTEando pela Estrela Polar que não se vê no hemisfério sul.

[...]

Atenção! Mapas devem ser usados com os meridianos e paralelos nas direções que você acabou de determinar.

Quando aprendemos a nos ORIENTar, gerações e gerações são ensinadas a colocar o braço direito para o lado do ORIENTE. O problema é que desse jeito estamos olhando para o NORTE. Os habitantes do hemisfério NORTE continuam NORTEados por essa regra prática da mão direita, para nós ela nos desNORTEia.

Por que não instituir a regra que para nós é prática: colocar a mão esquerda apontando o lado do nascente ou oriente para estarmos olhando para o SUL no ato de "SULear".

Com isso integramos esquema corporal e lateralidade de uma forma coerente entre o Céu e a Terra, PERCEBENDO o nosso horizonte, o nosso ambiente. (CAMPOS, 1991, p. 61).

Como podemos ver, o *suleamento* se apresenta não como uma simples inversão do mapa – que poderia estabelecer então uma nova relação de superioridade agora do Sul sobre o Norte, invertendo a situação –, mas como uma proposta de problematização epistemológica, de desconstrução da ideia de um lugar sobre outro, o que transcende a própria limitação hemisférica, como expõe Campos:

el SUR no es solo un referente histórico y geográfico, puede convertirse en una interface de tipo epistémico que ayude a construir lugares simbólicos de relaciones sociales, interculturales, simétricas y emancipatorias dentro de la diversidad humana. De alguna forma, construir ese SUR, evitando cualquier tipo de hegemonía y relaciones de poder, implica pensar una plataforma transétnica, transfronteriza, transcultural y abierta a toda la diversidad humana. Pensamos un SUR que no sólo ubica pueblos enteros geográficamente, sino que engloba también aquellos que viven una condición subalterna dentro del propio hemisferio norte. (Baez, 2016 *apud* CAMPOS, 2016).

Neste trabalho adotamos o uso do termo “nortecentrismo” para se referir ao projeto hegemônico político-ideológico da representação e sobreposição do Norte em detrimento das outras regiões geográficas, neste caso o Sul, por meio das representações cartográficas do mundo, dos continentes ou de países, cujo exemplo pode ser observado na utilização dos mapas escolares de pequena escala, que têm como local de apresentação a parede e não a mesa ou o chão, o que permitiria alinhar paralelos e meridianos das projeções, que são horizontais e não verticais, com o plano também horizontal das direções Norte, Sul, Leste e Oeste. Nesse sentido também vemos a importância de que esta discussão seja feita de forma associada à Geografia escolar.

Sobre representações, fazendo uma discussão a respeito da apropriação do espaço, Raffestin (1993) revela o seu caráter político ao associá-las às relações de poder.

Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um intento e um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações. (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Mais adiante, no mesmo texto, Raffestin ainda vai apontar que “todo projeto é sustentado por um conhecimento e uma prática, isto é, por ações e/ou comportamentos que, é claro, supõem a posse de códigos, de sistemas sêmicos. É por esses sistemas sêmicos que se realizam as objetivações do espaço [...]”. (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Partindo deste fragmento, se pensarmos o nortecentrismo como um projeto hegemônico de sobreposição do Norte em relação ao Sul, podemos desvendar todas as “pseudo-regras-práticas”, terminologias e formas de confecção e utilização de materiais cartográficos decorrentes, como ferramentas de desenvolvimento e manutenção do referido projeto. Neste sentido, se há o interesse de subversão deste mecanismo, simbólico e efetivo, de manutenção da inferiorização de tudo que está ao sul, ou de qualquer superiorização de uma região geográfica ou sociedade em detrimento de outra, não basta apenas expor seu caráter hegemônico e ideológico, como no caso da crítica ao eurocentrismo, mas, além disso, é necessário criar e/ou apropriar-se de novas práticas, palavras, escritas e conceitualizações – ou seja, leituras do mundo – que façam sentido para o contexto local de quem se encontra norteadado³ e façam parte do arcabouço consciente dos indivíduos, e não do conhecimento assimilado incompreendidamente porque foi imposto por uma convenção que, apesar de incongruente no Hemisfério Sul, se pressupõe como única possibilidade.

Em suma, a importação e imposição da ideologia geográfica que coloca o Norte como referência absoluta e obrigatória, mesmo para lugares ao sul, sem a devida contextualização e adaptação é um cenário que, conforme nos indicou Moraes (2005, p. 43), pode ser problematizado se analisarmos o desenvolvimento histórico da cartografia

³ Fazendo alusão ao significado que a palavra “norteadado” possui no México: conforme aponta Campos, “é interessante notar que a sabedoria popular no México usa o termo “norteadado” para referir-se a uma pessoa que se encontre desorientada espacialmente ou que não consegue se organizar para agir.” (LANDA *apud* CAMPOS, 2016, p. 228).

que é reproduzida nas escolas, contextualizando sua origem e o momento em que passou a ser posta como imprescindível.

Desta forma, desenvolvendo este trabalho enquanto proposta para a Geografia escolar, tomamos como referencia a concepção de educação apresentada por Paulo Freire (2011a; 2011b) no livro *Pedagogia do Oprimido* e rediscutida em *Pedagogia da Esperança*, de que o papel do professor não é, apenas, ensinar os conteúdos de uma disciplina, mas ler o mundo em que se vive, em diálogo com o educando, utilizando estes conteúdos científicos para a conscientização acerca da realidade, em suas circunstâncias e relações sociais, políticas e de poder, e em relação ao próprio sujeito como ator e, conseqüentemente, possível transformador deste mundo.

Assim, tomamos como estudo de caso o desenvolvimento de uma proposta didática de Geografia para a Educação de Jovens e Adultos – EJA da EMEF Miguel Vieira Ferreira, escola municipal localizada na periferia da zona sul da cidade de São Paulo, sendo aplicada durante regência do estágio obrigatório do curso de licenciatura em Geografia do IFSP, campus São Paulo, ocorrido em período concomitante ao desta pesquisa, o que possibilitou tal aproveitamento.

A proposta, desenvolvida em três encontros diferentes, nos dias 28 de setembro, 26 de outubro e 30 de novembro de 2016, compreenderam uma aula sobre a história da cartografia e a realização do ato de *sulear-se*; e foi avaliada a partir do relatório e análise das atividades práticas e de dois questionários respondidos pelos educandos participantes.

Observamos que, embora nos meios escolares se reproduzam as práticas e representações nortecentristas, estudantes e professores têm buscado leituras do mundo que transcendam a esta condição. Da mesma forma, pôde-se aferir a importância do ato de *sulear* na educação geográfica, à medida que este se mostra como indicador do caminho e da ferramenta alternativa que faltavam à problematização e desconstrução da incongruente importação e imposição dos referenciais do Norte para o Hemisfério Sul.

Neste sentido aponta-se a importância da pesquisa e experimentação, no meio acadêmico e especialmente na educação, de ferramentas geográficas e bases teóricas que possibilitam esta mesma experiência de descoberta e conscientização, como pôde ser proporcionado na realização deste trabalho, a partir da fundamentação teórica utilizada e da prática do ato de *sulear-se*.

Referências bibliográficas:

CAMPOS, Marcio D’Oliveira. *A Arte de Sulear-se*. In: *Interação Museu-Comunidade pela Educação Ambiental, Manual de apoio a Curso de Extensão Universitária*. Teresa Cristina Scheiner (coord.). Rio de Janeiro: TACNET Cultural/UNI-RIO, 1991. p. 59-61.

_____. *Porque SULEar?* In: *Perspectivas etnofráficas e históricas sobre as astronomias*. Priscila Faulhaber; Luiz Carlos Borges (orgs). Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2016. p. 215-240.

_____. *SULEar vs NORTEar: representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia*. *Série Documenta*, ano VI, n. 8, p.41-70, 1999.

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Prefácio de Leonardo Boff; notas de Ana Maria Araújo Freire. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 50 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias geográficas*. São Paulo: Annablume, 2005.

RAFFESTIN, Claude. *Do espaço ao território*. In: _____. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. Cap. 1, p. 143-149.